



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Rosimeire Souza de Oliveira

Universidade Cidade de São Paulo – sheila.alves@unicid.edu.br.

Resumo

Este estudo é resultado da conclusão da disciplina “Práticas Escolares e Discursos Psicológicos: Perspectivas Críticas” – Projeto de Extensão para Professores da Rede Pública de Ensino da Universidade de São Paulo. Trata de pesquisa antropológica em uma classe de 2º ano do ensino fundamental para conhecer e analisar como se tem desenvolvido as relações entre professora e alunos. O trabalho traz à tona situações que esta professora vivencia na relação com seus alunos e com a professora coordenadora pedagógica (PCP), assim como situações que os alunos vivenciam entre eles. Destacam-se ainda aspectos relacionados à linguagem, à disciplina escolar, às dificuldades enfrentadas pela professora e suas percepções, além de histórias concretas vividas em classe. O estudo desenvolveu-se com uma professora que leciona para uma turma de 2º ano do ensino fundamental em uma escola pública estadual, zona leste de São Paulo. Metodologicamente utilizou-se pesquisa qualitativa conforme Delamont e Hamilton, que lançou mão de dados coletados por meio de questionário com perguntas abertas, instrumento “rol de frases incompletas”, observação direta e conversas ocasionais, que pretenderam identificar as diferentes situações vivenciadas por esta professora na relação com seus alunos e com a PCP, nas quais podem ser explicitadas de várias ordens: pedagógica, relacionamento, práticas, preconceitos, dentre outros aspectos e as versões e explicações dadas pelos alunos. Alguns resultados da pesquisa: o trabalho desenvolvido em classe pela professora pesquisada ancora-se em situações de indisciplina e conflitos e dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: relações interpessoais, práticas escolares, professora, alunos.

Introdução

Muitas de nossas opções devem-se às experiências vividas, aspecto que certamente está presente nas escolhas de temas para estudos. Essa ideia está presente na opção de pesquisar sobre as relações interpessoais e seus desdobramentos nas práticas escolares. Para este trabalho optou-se por pesquisar expectativas, percepções, dificuldades, soluções, explicações, histórias profissionais, formação, práticas e outros aspectos de uma professora, como também versões e justificativas dadas por seus alunos, uma classe de 2º ano do ensino fundamental e também visões e explicações da professora coordenadora (PCP), de uma escola estadual localizada na zona leste de São Paulo, a fim de compreender como vêm se estabelecendo estas relações e o efeito delas no cotidiano escolar.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As expectativas de professores em relação à alfabetização vêm permeadas de pressões, dificuldades, angústias, solidão, em contrapartida, a alfabetização é um momento muito especial na vida da escola, momento para se pensar o aprender, os modos de conhecimento, os preconceitos relacionados à linguagem e também momento de reflexão sobre a magia e o mistério da vida (CAGLIARI, 1997).

Leite (1997, p. 312-313), diz que “a relação professor-aluno não se limita à apresentação dos papéis diferentes. Uma vez colocados na sala de aula, professor e alunos passam a constituir um grupo novo, [...]”. As relações entre professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno e professor-professor coordenador, passam a ocupar lugar de importância no processo escolar quando compreendidos dentro desta perspectiva.

A questão da indisciplina escolar tratada por Freller (2001), nos mostra o quanto professores aspiram por alunos ideais (sem dificuldades de aprendizagem, disciplinados, cadernos impecáveis). Ao se depararem com alunos reais (barulhentos, desorganizados, com dificuldades de aprendizagem, portadores de necessidades) se frustram. Na busca do ideal, professores têm perdido a grande oportunidade de construir, junto com os alunos, conhecimento de qualidade.

As visitas ocorreram na semana de 04 a 08 de maio, das 13 h às 17 h 30 min. A coleta de dados se deu através de questionário com perguntas abertas e conversas ocasionais (professora); para a PCP foi utilizado questionário com perguntas abertas; e instrumento “rol de frases incompletas” para os alunos, além dos registros feitos em diário de campo na observação direta em classe.

As informações coletadas refletem, em parte, o modo como pensam professora, alunos e professora coordenadora sobre os problemas da escola. Reforçam ideias, de que, por exemplo, alunos indisciplinados vêm de famílias desorganizadas, pouco participativas (FRELLER, 2001). De que professores não conseguem alfabetizar “todos” os alunos porque ainda dão aulas fazendo uso de método tradicional e que deveriam utilizar a proposta construtivista (ANGELUCCI *et al*, 2004). De que cabe à escola, única e exclusivamente, ensinar e “transmitir conhecimento”, de que não é responsabilidade da escola: ensinar como o aluno deva se comportar neste espaço, organizar-se para os diferentes horários da escola (entrada, saída, recreio), fazer uso de objetos escolares (caderno, lápis, caneta etc.); acredita-se que o aluno já deva vir de casa com todas estas orientações.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Neste momento acredita-se ser oportuno abrir espaço para a metodologia utilizada.

Metodologia

Ao optar pela coleta de dados por meio de observação defende “uma exploração genuína de tipos diferentes de pesquisa, baseados na observação direta e no registro dos acontecimentos em sala de aula” (DELAMONT e HAMILTON, 1986, p. 378).

A sala de aula guarda situações que expressam dispersão, poder, interação, omissão, obediência ou não, diferenças, curiosidade, preocupação, agressividade, dentre outras.

Assim a sala de aula passa a ser lócus de pesquisa, pois

[...] houve uma mudança nos interesses de pesquisa: a sala de aula passou a ser o novo foco. Não é difícil explicar esta mudança. De várias partes vem chegando o reconhecimento cada vez maior de que é essencial a qualquer análise dos processos educacionais a apreciação e a compreensão dos eventos presentes em sala de aula (DELAMONT e HAMILTON, 1986, p. 381).

A ênfase exagerada dada ao método tradicional de observação de interação – o FIAC (*Flanders Interaction Analysis Categories*) Patto (1986) nas salas de aula americana, cuja preocupação voltava-se para características superficiais, além do risco que se corria de negligenciar aspectos implícitos, abriu espaço para inúmeras críticas, uma delas aponta para o uso de categorias que pode obscurecer, distorcer ou ignorar aspectos qualitativos (DELAMONT e HAMILTON, 1986).

A observação “antropológica”, outra tradição americana de pesquisa em sala de aula está ligada à “antropologia social, à psiquiatria e à observação participante em sociologia” (DELAMONT e HAMILTON, 1986, p. 389).

Diferentemente da análise da interação, metodologicamente:

os estudos “antropológicos” da sala de aula baseiam-se na observação participante, durante a qual o observador mergulha na “nova cultura”. Isto é, ela abrange a presença de um observador (ou observadores) durante longos períodos, numa única sala de aula ou num pequeno número delas (DELAMONT e HAMILTON, 1986, p. 389).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Associada à observação participante e os registros do diário de campo, utilizou-se questionário com perguntas abertas com a professora da classe observada e a professora coordenadora da escola. Para os alunos, por terem 7-8 anos, utilizou-se instrumento “rol de frases incompletas”; além de conversas ocasionais com a professora e os alunos. A escolha do uso de questionário ocorreu durante o período de observação, que a princípio pretendia fazer uso de entrevista semiestruturada, mas em decorrência das atribuições exercidas pela professora e pela professora coordenadora, além do perfil da turma, acreditou-se ser mais coerente, neste caso, o uso de questionário, que segundo Goldenberg (2004) pode ser estruturado com perguntas abertas em que o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto. Traz também algumas vantagens no uso deste instrumento de coleta: os pesquisados se sentem mais livres para expressar opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades e também há menor pressão para uma resposta imediata, o pesquisado pode pensar com calma.

Resultados e Discussão

Observação (diário de campo).

Pode-se relatar que as ações observadas nesta classe pendem basicamente para: *situações de indisciplina e conflitos e dificuldades de aprendizagem*. As situações de indisciplina e conflitos são representadas por conversas, não deixar o colega fazer a lição, levantar da carteira, ficar circulando pela sala, brigar, chutar, produzir sons irritantes, mostrar a língua, ofender, sair da sala, miar; as ações são praticadas principalmente pelas crianças, uma vez que a professora também age com indisciplina falando com alguns alunos “enxerida”, “não enche o saco”, mas voltam-se principalmente para a professora, que na tentativa de resolvê-las apela para: aumentar seu tom de voz ou calar-se, não deixar os alunos participarem da aula de educação física, chamar a atenção dos alunos, solicitar que parem, tirar o doce do aluno e jogar no lixo, chantagear, pedir para o aluno que está dando trabalho levar algo para a sala ao lado ou deixá-lo ir ao banheiro, ou encher a lousa de adições e subtrações. Ao fazer referência ao texto de Freller (2001) recorda-se das estratégias citadas pelos professores para enfrentar a indisciplina escolar cuja estratégia mais utilizada por eles foi a “conversa”. As tarefas mecânicas também foram citadas no texto de Freller (2001, p. 141) e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vimos também na prática da professora pesquisada ao encher a lousa de adições e subtrações. “Estes professores constataam que passar tarefas na lousa é uma forma de conseguir ocupá-los”. A resolução de conflitos entre os alunos ocorria de forma menos tensa do que com a professora, logo um deles falava “Eu não sou seu amigo?”, e tudo se resolvia.

As dificuldades de aprendizagem que também tem relação com as situações de conflito e indisciplina, uma vez que o aluno com dificuldades cuja sala de aula não apresenta clima satisfatório, o processo de aprendizagem torna-se ainda mais complexo. As situações observadas: o aluno não registrou nada no caderno, o aluno não terminou a lição, alguns alunos pediam ajuda para a pesquisadora e colegas, não entendiam o que a professora falava, a professora dizia “é só para os alfabéticos”, “não terminou ainda?”, além de alguns alunos mudarem de lugar durante a aula, com intuito de estar mais próximo do colega que sabia mais do que ele, podem indicar dificuldades de aprendizagem. Ao trazer à tona a questão das dificuldades de aprendizagem quer elucidar como foi sendo construídas as ideias referentes aos alunos que aprendem e aqueles que não aprendem. Uma destas explicações está ancorada nas

concepções que justificam a reforma educacional na área de alfabetização no Brasil [que] explicam os problemas de escolarização de uma grande parcela de alunos, em seus primeiros anos escolares, como problema de natureza cognitiva e linguística, decorrentes de uma privação sócio-cultural (SAWAYA, 2008, p.56-57).

A relação entre professora-alunos foi percebida de modo positivo. Pode-se avaliar de forma negativa em virtude das situações apresentadas acima, entretanto, soube-se separar as ações da professora que em momentos de tensão precisava agir rápido, nem sempre acertadas, mas o que se quer dizer é que as falas e as ações da professora assim como a dos alunos indicavam preocupação com o outro, normalmente nos preocupamos com as pessoas que gostamos. Não se observou sentimentos de raiva ou preconceitos por parte da professora, mas tem suas preferências, a voz muda quando fala com os alunos que têm simpatia, especialmente os alfabetizados e bem comportados.

Outros aspectos que se percebeu durante a observação: a falta de rotina, a professora havia dado uma tarefa de casa e no dia seguinte alguns alunos estavam eufóricos para que ela corrigisse a lição, o que não ocorreu, pelo menos naquele momento. Entende-se que a rotina é algo a ser



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ensinado na escola, tornando as crianças mais seguras. Algumas situações “fugiam” do campo visual da professora, uma aluna apagou o que estava escrito na lousa e escreveu por cima da letra da professora e também alguns alunos saíram da classe sem ela ter visto. A compreensão que se faz é: ou a professora não viu mesmo, em decorrência de tantas obrigações, ou viu e para não trazer mais conflitos optou por esta postura, de qualquer forma, é mais uma estratégia para lidar com a turma.

Questionários com perguntas abertas (professora e professora coordenadora).

Ao analisar as respostas dadas pela professora percebe-se excessiva preocupação em alfabetizar, o que faz com que grande parte de suas ações em sala de aula estejam voltadas para este fim. Sobre suas expectativas em relação a sua classe, respondeu: “Que eu consiga no decorrer do ano alfabetizar todos”. Assim como o trabalho que vem realizando com seus alunos estão voltadas, em sua maior parte, para a alfabetização (leituras, produção de textos, sondagens, livros, atividades diferenciadas para alunos com mais e menos dificuldades etc.). A professora é pressionada pela sociedade, governo, escola; enfim, carrega a grande responsabilidade de alfabetizar, uma vez que não consiga alfabetizar todos, não é boa profissional. O modo como a grande maioria dos professores pensam a respeito do processo da aquisição da leitura e escrita se deve, sobretudo, às concepções que dizem que o aluno não aprende porque é carente de bens culturais e materiais, que tem problemas cognitivos, é imaturo, dentre outros. A professora faz suas tentativas utilizando atividades diferentes, fundamentada em uma das vertentes que compreende o fracasso escolar como problema técnico. Quando percebe que não consegue atingir a todos os alunos, diz que o aluno não aprendeu porque é imaturo ou tem alguma patologia (ANGELUCCI, 2004).

Além das dificuldades de aprendizagem, de alguns alunos, a professora demonstra ter dificuldades no enfrentamento das situações de conflito e indisciplina e outras demandas: “a sala é difícil”, “indisciplina”, “inclusão”, “falta de suporte por parte da professora coordenadora”, “é uma turma agitada”. Mas quando é questionada sobre a relação que tem com os alunos, a professora diz: “Hoje sem perceber consegui encontrar solução para esse problema” (refere-se à indisciplina). É muito difícil assumir que não estamos dando conta. Quando os professores percebem que as estratégias do campo normativo e de ensino utilizadas por eles foram ineficazes agem com ações opostas: o descompromisso, pouco envolvimento, apatia e descaso (FRELLER, 2001).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A professora pesquisada já dá sinais de pouco envolvimento, apatia e descaso.

Reclama da falta de apoio da professora coordenadora “Sinto falta de suporte por parte da coordenação em relação a materiais para trabalhar com os alunos”, novamente a técnica/método como explicação do fracasso escolar, em contrapartida, a professora coordenadora, diz que as principais dificuldades que vem enfrentando estão relacionadas às dificuldades por parte de alguns professores de mudar do método tradicional para a proposta construtivista. As respostas dadas pela professora coordenadora indicam que a formação que recebe na oficina pedagógica (governo estado de São Paulo), através de cursos, como “Letra e Vida” e “Ler e Escrever”, como também palavras utilizadas por ela, traduzem os objetivos propostos de todo um sistema de ensino. Algumas das respostas dadas pela professora coordenadora: “faço formações na Secretaria Estadual de Ensino voltadas para melhoria da qualidade do trabalho docente”, “a solução está a nossa frente aceitar e fazer parte do novo”. Percebe-se pouca ou nenhuma reflexão a respeito da formação que recebe, apenas transmite-a a seus professores.

As soluções propostas pela professora para resolver as dificuldades já apontadas são: “presença da família, preparo e conhecimento pedagógico adequado as diferenças dos alunos, paciência, controle e respeito ao ritmo de cada um”. A professora coordenadora aponta uma solução para o professor tradicional: “aprender sempre para ensinar cada vez melhor”.

Suas falas vão ao encontro do que aborda Angelucci *et al* (2004), cujas explicações sobre o fracasso escolar estão ancoradas: na culpabilização das crianças e de seus pais; na culpabilização do professor; na lógica excludente da educação escolar; e na cultura escolar, cultura popular e relações de poder.

Instrumento “rol de frases incompletas” (alunos).

As frases incompletas “Eu venho para a escola para” e “Eu gosto de aprender”, procuraram conhecer as expectativas dos alunos. Ao analisar suas respostas detectou-se que sabiam qual a função da escola, o que escreveram confirma esta ideia: “venho para a escola para fazer lição”, “aprender”, “ler”, “estudar”. Ao citarem que gostam de aprender matemática, português, educação física, ler, recreio, adivinha; mostram que, o que vêm aprendendo na escola é prazeroso e suas expectativas, em parte, são contempladas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As frases incompletas “Eu aprendi quando entrei na escola”, “Eu não consigo aprender” e “Meu maior problema na escola é”, procuraram conhecer o desempenho escolar dos alunos e através de suas respostas detectou-se que aprenderam: “escrever”, “fazer conta”, “ler”, “o nome”, “alfabeto”, “lição”, “texto”, “numerais”, “respeitar”. Ao levantar as respostas sobre aquilo que não conseguiam aprender detectou-se quase as mesmas respostas acima: “aquilo que é dado pela primeira vez”, “desenhar”, “ler”, “leitura”, “letra de mão”, “matemática”, “escrever”, “brincar”, “problemas”, “contas de mais”.

Há de se considerar que os dados levantados indicam que a aprendizagem vem ocorrendo, mesmo que com alguns problemas. Algumas crianças levam mais e outras menos tempo, mas todas aprendem, exceto quando apresentam alguma patologia grave. Cagliari (1997, p. 196) fundamenta esta questão trazendo a tarefa mais complexa que o homem realiza na vida – aprender a falar. “É a manifestação mais elevada da racionalidade humana”. Fala o quão complexo é a aquisição da linguagem e ainda diz-se que a criança não aprende. Ao completarem a frase “Meu maior problema na escola é”, identificou-se problemas de ordem pedagógica: “matemática”, “alfabeto”, mas o maior problema apontado por eles estava no campo das relações: “alguém me irrita”, “problemas com a S.”, ou situações de conflitos e indisciplina: “fico de castigo”.

As frases incompletas “Eu levo bronca quando”, “Eu percebo que a professora está brava quando”, “Eu percebo que a professora está calma quando”, “Quando eu vejo a minha professora eu sinto” e “A minha professora é”; querem levantar com vêm se estabelecendo a relação entre alunos e professora.

Esta relação permeada de situações de conflitos e indisciplina, uma vez que os alunos levam bronca porque... : “falo muito”, “bagunço”, “fico em pé”, “falo palavrão”, um deles ainda escreve “todo dia”. A percepção dos alunos foi identificada na pergunta “a professora está brava quando...”: “a voz dela está alta”, “rosto vermelho”, “a gente bagunça”, “todo dia”, “os alunos conversando”, “bate o pé”, “gente tá em pé”, “voz grossa”, “todo mundo grita”. Na frase incompleta sobre a percepção dos alunos de perceberem se a professora está calma, eles responderam: “chega em paz e voz calma”, “sala calma”, “sala em silêncio”, “todo mundo fica quieto”, “quando faz lição”, “na hora que todo mundo fica calado”, “quando ninguém faz bagunça”. E sabem o que fazer para não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

deixarem a professora brava: “ficar quieto”, “fazer a lição”, “cabeça baixa”, “não levantar”, “calado”.

Sabem quando estão se comportando de forma inadequada e também sabem o que devem fazer para mudar a situação, mas sozinhos, não têm condições de mudar este quadro, neste caso a professora tem papel fundamental no sentido de criar condições para que os alunos reflitam sobre seus comportamentos e transforme estas reflexões em práticas concretas. Freller (2001, p. 102) fala desta possibilidade e nos alerta que não é fácil, mas possível. “Olhar para os gestos dos alunos e construir, com eles, práticas inovadoras que supram suas necessidades e acatem seus gestos criativos é bem mais difícil...”.

A última a ser completada pelos alunos “Os meus colegas são...” corresponde a relação que se estabelece entre eles. Muitas respostas positivas: “legais”, “divertidos”, “bonitos”, “bons”, “amigos”. O que se viu durante as visitas nesta classe não parece ser compatível com aquilo que eles responderam sobre os colegas. A pesquisadora presenciou e até separou colegas que brigavam, mas souberam resolver seus conflitos, pelo menos naquele momento. Os alunos se gostam, mas não sabem ainda como administrar as diferenças, a divisão dos materiais escolares, dos brinquedos, dentre outros. É função da escola ensiná-los!

Conclusões

Os resultados obtidos pretendem mostrar, em parte, a análise feita pela pesquisadora baseada naquilo que viu, ouviu, sentiu e leu. Para esta tarefa, a organização dos resultados se deu em decorrência de sua importância e regularidade.

As ações da professora em sala de aula inclinam para as dificuldades de aprendizagem e para as situações de conflito e indisciplina. A impressão que nos passa é de um trabalho de poucos resultados, em outras palavras, a professora investe seu tempo em atividades diferenciadas para os alunos com níveis diferentes de dificuldades, entretanto, não consegue administrar tantas demandas, uma delas refere-se à administração das situações de conflito e indisciplina. Ao produzir diferentes conteúdos para uma mesma turma, sem planejamento, corre-se o risco de perder o controle da situação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Há excessiva preocupação por parte da professora em alfabetizar, é legítimo, ela está ali para ensinar os alunos a ler e escrever, contudo, fundamenta sua prática em uma das concepções sobre o fracasso escolar que diz que o problema do aluno não aprender a ler e nem escrever, está na utilização da técnica errada, ou seja, ao fazer uso dos métodos corretos, o aluno terá êxito nesta tarefa. A professora acredita nesta concepção, restando a ela a busca pela técnica milagrosa.

Em se tratando das relações interpessoais, considera-se relação boa entre professora e alunos. A professora é carinhosa, dá alguns sorrisos, em algumas situações até brinca, mas também grita, fica brava e às vezes fala coisas do tipo “enxerido”. Uma vez que se estabelecem as relações entre as pessoas há situações confortáveis e também desconfortáveis. O que se quer dizer é que a relação entre a professora e seus alunos é normal, todos nós temos momentos de alegria com quem nos relacionamos, mas também de atritos. A questão que se coloca é que a professora não tem consciência do modo como se relaciona com seus alunos e se tivesse, poderia contribuir com alguns deles. Há tendência dos professores de lembrarem-se dos alunos ótimos e dos muito difíceis, mas e os alunos que ficam neste meio? Os alunos passam a se conhecer à medida que os professores dão um retorno para eles, por meio de elogios, dizendo ao aluno o quanto ele é bom em determinado assunto. O aluno se descobre através das palavras e gestos do professor.

Os alunos gostam da professora, se relacionam bem com ela, mas bagunçam, saem do lugar, brigam e sabem também como deixá-la calma, devem ficar sentados e quietos. Um amontoado de conflitos se mistura na cabecinha destes pequenos, que amam a professora, mas também deixam-na irritada. Há uma briga interna dentro deles e que não será resolvida com palavras do tipo “senta!”, “fica quieto!”. O problema é atenuado naquele momento, mas não resolvido. É necessário repensar sobre estratégias não eficazes, se não está dando certo, por que continuar? Às vezes precisamos de outra pessoa para avaliar sobre nossas práticas, quem sabe a professora coordenadora?

A professora coordenadora da escola pesquisada tem ideia fixa sobre o fracasso escolar. Na opinião dela as crianças não aprendem porque tem professores que se utilizam do método tradicional, se os mesmos utilizassem a proposta construtivista, tudo se resolveria. Ela pensa do modo que pensa porque foi assim que aprendeu e, principalmente, porque bebe diretamente da fonte de um sistema de educação, cujos princípios estão alicerçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao trazer à tona a relação entre professora e professora coordenadora identifica por parte da professora uma sensação de abandono, ela acredita que a professora coordenadora não a ajuda e por isso tem tantos problemas com a classe. Não está de toda errada, a professora coordenadora é uma pessoa difícil como ela mesma se descreve, diante desta situação produz-se um grande distanciamento entre ambas.

Como em todo o trabalho as soluções, neste caso, apresentadas pela professora e professora coordenadora ficam para o final. A professora propõe soluções para suas dificuldades: participação da família, formação, paciência, controle, respeito. A professora coordenadora propõe que os professores aprendam sempre para ensinar mais.

Então, fica a sensação do poder de antigas concepções revestidas de “novas palavras”. Em uma escola da periferia de São Paulo estas ideias, ainda, estão presentes.

Referências Bibliográficas

ANGELUCCI, C. B. *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-72, jan./abr. 2004 www.scielo.com.br.

CAGLIARI, L. C. O príncipe que virou sapo. In M. H. Patto (org.) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 3ª ed., 1997.

DELAMONT, S.; HAMILTON, D. A pesquisa em sala de aula: uma crítica e uma nova abordagem. In M. H. Patto (org.) **Introdução à Psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ª ed., 1986.

FRELLER, C. C. O trabalho com os alunos. Cap. IV. **Histórias de indisciplina escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FRELLER, C. C. O trabalho com os professores. Cap. VI. **Histórias de indisciplina escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LEITE, D. M. Educação e relações interpessoais. In M. H. Patto (org.) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 3ª ed., 1997.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PATTO, M. H. A observação antropológica da interação professor-aluno: resumo de uma proposta. In M. H. Patto (org.) **Introdução à Psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2ª ed., 1986.

SAWAYA, S. M. Leitura, Práticas Escolares e a Reforma na Alfabetização no Brasil. **Revista Iberoamericana de Educação**: perspectivas em torno da leitura, n. 46, 2008 www.rieoei.org